



**UFSM – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL – DÉFICIT COGNITIVO E
EDUCAÇÃO DE SURDOS**

**A INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM SURDEZ EM SALA COMUM DO
ENSINO REGULAR**

Vany de Souza Carneiro e Teixeira

**JANUÁRIA, MG, Brasil
2010**

**UFSM – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL – DÉFICIT COGNITIVO E
EDUCAÇÃO DE SURDO**

**A INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM SURDEZ EM SALA COMUM DO
ENSINO REGULAR**

Vany de Souza Carneiro e Teixeira

Orientadora: Prof^a. M.Sc. Fátima Terezinha Lopes da Costa

TCC apresentado ao Curso de Especialização Em Educação Especial Déficit Cognitivo e Educação de Surdos da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para a obtenção de título de especialização em Educação Especial.

JANUÁRIA, MG- Brasil
2010

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, o principal em minha vida. A minha família, pelo apoio e incentivo. Ainda aos que aqui não foram citados, mas certamente não foram esquecidos.

RESUMO

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

A INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM SURDEZ NA SALA COMUM DO ENSINO REGULAR

AUTORA: Vany de Souza Carneiro e Teixeira

ORIENTADORA: Prof. m. SC. Fátima Terezinha Lopes da Costa

Este estudo trata sobre a inclusão escolar de alunos com surdez em sala comum do ensino regular. O interesse em abordar este tema deve-se ao meu envolvimento nas questões de educação inclusiva, principalmente no que diz respeito ao aluno surdo. A pesquisa é direcionada a partir do seguinte problema: Como enfrentar o desafio de alfabetizar a criança com surdez na sala comum do ensino regular? Os objetivos desta pesquisa é adquirir conhecimentos dos instrumentos que possibilitam a construção dos saberes discentes, no processo de inclusão de alunos com surdez em sala comum do ensino regular e compartilhar experiências pedagógicas que contribuam com a confecção de materiais didáticos alternativos e de metodologias educacionais que reconheçam e valorizam a identidade surda no processo ensino aprendizagem. Os sujeitos envolvidos são os docentes, os discentes e as famílias. Como metodologia optei por uma pesquisa de campo, através da observação e entrevistas com os profissionais da escola. Conclui-se, que os alunos com surdez, têm direito de estudar em escolas regulares, independente do seu grau ou tipo de surdez, que são vários. Porém é dever do sistema de ensino através de seus responsáveis, promover as adaptações necessárias no que diz respeito a acessibilidade, profissionais capacitados, material pedagógico, currículo adaptado, educação bilíngüe, instrutor e intérprete de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), para proporcionar ao aluno com surdez, um rendimento satisfatório de sua aprendizagem. Portanto percebe-se que atualmente todas as pessoas são dignas dos mesmos direitos.

Palavras-chave: Inclusão. Ensino Regular. Necessidades Educacionais Especiais

ABSTRACT

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de
Surdos
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

THE INCLUSION OF STUDENTS WITH DEAFNESS IN REGULAR SCHOOL COMMON ROOM

Authora: VANY DE SOUZA CARNEIRO E TEIXEIRA
Advisora: Prof. m. SC. Fátima Terezinha Lopes da Costa

This study is about the inclusion of students with deafness in regular school common room. The interest in addressing this issue is due to my involvement in issues of inclusive education, especially for the deaf student. The search is directed from the following problem: how to face the challenge of literate children with deafness in regular school common room? The goals of this research is to acquire knowledge of the instruments that enable the construction of knowledge learners, in the process of inclusion of students with deafness in regular school common room and share experiences that contribute to the production of alternative materials and educational methodologies that recognise and value the deaf identity in teaching learning process. The subjects involved are teachers, students and families. As the methodology I chose a field research, through observation and interviews with professionals in the school. It is therefore concluded that students with deafness, are entitled to study in regular schools, regardless of their degree or type of deafness, which are multiple. However it is the duty of the education system through their responsible, promote the necessary adaptations for accessibility professionals, educational material, adapted curriculum, bilingual education, instructor and interpreter pounds (Brazilian sign language), to provide the student with deafnessa satisfactory income from his learning. Therefore realizes that today all people are worthy of the same rights.

Keywords: Regular school Inclusion. Special Educational Needs.

SUMÁRIO

1- APRESENTAÇÃO.....	07
2- CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	08
3- EDUCAÇÃO INCLUSIVA: Aluno com surdez em sala comum do ensino regular	14
4 - A EDUCAÇÃO BILÍNGÜE	18
5- ALFABETIZAÇÃO EM PORTUGUÊS NO CONTEXTO DO ALUNO SURDO.....	24
6- RECURSOS DIDÁTICOS.....	27
7- CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
8-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
9- ANEXOS.....	38

1- APRESENTAÇÃO

Ao deparar com tantas dificuldades ao trabalhar com alunos surdos e no intuito de elevar meus conhecimentos e buscar alternativas para me auxiliar como educadora da rede regular de ensino, é que proponho a elaborar esta pesquisa. A educação escolar do aluno com surdez em uma turma comum de ensino regular é uma situação muito complexa, que se agrava diante da falta de preparo dos educadores e das escolas em geral.

Por não saber como trabalhar com pessoas surdas e a partir das reflexões e análises feitas em sala de aula percebo que o atendimento educacional às crianças surdas é um grande desafio, que requer mudanças de paradigmas dos profissionais. Tenho a clareza de quê, o que faz a diferenças não é a escola especial e nem a escola regular, mas a prática pedagógica e a dedicação do educador, pois é exigido do mesmo, muito esforço e muito profissionalismo. A proposta de uma educação voltada para diversidade coloca a todos nós, educadores diante do desafio de estarmos atentos as diferenças e de buscar o domínio de um saber crítico que permita interpretá-los. Nessa proposta educacional será preciso rever o saber escolar e também investir na formação do educador, possibilitando-lhe uma formação teórica diferenciada.

A escola é o espaço onde se encontra a maior diversidade cultural e também o local mais discriminador. Mas, se o educador for detentor de um saber crítico, poderá questionar esses valores e saberá extrair desse conhecimento o que ele tem de valor fundamental. Dentro desses parâmetros a educação inclusiva tem de ir ao encontro a esta realidade, de se fazer uma escola voltada ao atendimento dos alunos com suas múltiplas diferenças.

Este artigo inicia, apresentando os caminhos da investigação onde relata a metodologia utilizada, sujeitos da pesquisa e faz-se a análise de dados. A seguir, apresenta-se a fundamentação teórica a qual ficou organizada da seguinte forma: inicialmente trata sobre a surdez como perda maior ou menor da percepção normal dos sons com o tema Educação Inclusiva: aluno com surdez em sala comum do ensino regular, segue abordando sobre a língua como um fator fundamental na formação da consciência.

2- CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A investigação foi realizada através de uma pesquisa de campo na escola Municipal Santa Rita. Para obtenção de embasamento teórico, foi estudado as obras de autores consagrados, como: SAMPAIO(2005), DAMÁSIO(2007), BORGES(2004), DEMO(2003), ALVES(1989), dentre outros citados na referencia bibliográfica e no referencial teóricos. Para direcionar os trabalhos, foi feito um levantamento de dados, tendo como sujeitos o aluno surdo e os profissionais da educação, desta escola que atende a Educação Infantil e o Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano. Apesar das dificuldades encontradas devido a complexidade da Inclusão, atualmente, esta escola se destaca pelo trabalho que realiza em Educação Inclusiva e em atendimento educacional especializado, uma vez que a escola foi contemplada com uma sala de Atendimento Educacional Especializado - AEE.

No processo de coletas de dados foram estudados vários documentos, como: a proposta pedagógica, o regimento escolar, o plano de desenvolvimento, plano de ação do especialista, plano de curso, plano de aula, dentre outros. O regimento escolar, a proposta pedagógica e o plano de desenvolvimento da escola fundamentam a inclusão escolar.

A coleta de dados na escola, aconteceu no decorrer do ano de 2008 e teve várias etapas: Primeiro conversei com a diretora sobre o ponto de vista dela a respeito da inclusão. Posteriormente realizei a entrevista formalizada com perguntas pré-determinadas.

Num segundo momento entrevistei os especialistas, uma supervisora pedagógica e uma orientadora educacional e em seguida averigüei o plano de ação das mesmas, onde realmente constam atividades a serem realizadas com relação a educação inclusiva, como: Roteiro de planejamentos, critérios de avaliações, propostas de capacitação dos professores, conselho de classe, etc.

Posteriormente participei de uma reunião de planejamento para o atendimento especializado na sala do AEE. Nessa sala atuam três professores especializados para atender alunos com diferentes necessidades, como: surdez, física, cegueira, distúrbios mentais, autismo, dentre outras.

A sala possui um significativo acervo de materiais pedagógicos para serem trabalhados com as diversas necessidades de sua clientela. Os professores analisam as necessidades individuais de cada aluno, determinam os objetivos a serem alcançados, estudam em livros variados e selecionam atividades escritas a serem trabalhadas, como também as atividades que necessitam do apoio de materiais pedagógicos concretos. Todo esse processo de planejamento é feito de forma coletiva, onde os professores discutem sobre cada situação.

Particpei de uma reunião do módulo II com os professores das turmas regulares. Apenas um professor tinha uma aluna surda. Aproveitei para falar da realização da pesquisa e distribuir os questionários para serem levados para casa e respondidos. Retornaram apenas a metade dos questionários porem, o número de questionários devolvidos foram suficientes para conhecer a realidade a respeito da inclusão na escola e o ponto de vista dos professores.

Realizei observações na escola, em diferentes momentos, como: em uma sala regular com 25 alunos do 4º ano, sendo uma aluna surda. A professora tinha dificuldades em trabalhar com ela, apesar de ter conhecimentos básicos em LIBRAS, uma vez que a escola não possui interprete. Porém a professora se esforçava para que a criança não se sentisse exclua. A professora elaborava atividades interdisciplinares enfocando o português e a LIBRAS dando prioridade a esta última, uma vez que esta é a primeira língua dos surdos. Os demais alunos interagem normalmente com a aluna surda e procuravam participar das aulas de Libras para comunicar com a colega. A aluna é bastante tímida, está no processo de alfabetização e não aceitava muito a língua de sinais, o que se tornava mais difícil o trabalho com ela e prejudicando o seu desenvolvimento. O trabalho com os alunos surdos tem a parceria dos professores da sala do AEE. Na sala do AEE, os alunos são atendidos com atividades específicas no turno inverso e de acordo com a professora desta sala os alunos surdos têm um rendimento satisfatório no que diz respeito a Língua de Sinais, levando em conta sua dificuldade.

A seguir, passo a relatar a entrevista realizada com a diretora da escola. Questionada sobre se a escola Municipal Santa Rita é uma escola inclusiva a mesma respondeu que sim, porque a escola recebe alunos com

necessidades especiais e adota procedimentos e ações inclusivas no processo ensino aprendizagem destes alunos e mesmo com a carência de recursos de

09

vários gêneros procuram por em prática as políticas de inclusão.

Em relação à inclusão do aluno surdo na sala de aula regular diz que todos somos cidadãos com os mesmos direitos e o aluno surdo tem condições de aprender e conviver normalmente na sociedade. O que o difere dos ouvintes é apenas a forma de se comunicar. Já tivemos aluno surdo que teve um rendimento excelente, principalmente na socialização.

De acordo com a diretora a escola não está preparada para atender as necessidades dos alunos surdos na sua totalidade apesar de ter algumas melhorias como alguns professores capacitados, a sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) equipada, porém precisamos de muito mais.

A escola encontra dificuldades na realização do trabalho de alfabetização de alunos surdos uma vez que alfabetizar alunos ouvintes já é uma tarefa difícil, imagine alfabetizar o aluno surdo que não tem um recurso fundamental nesse processo de alfabetização que é o som das palavras, e falta também interprete de LIBRAS.

Na entrevista com os especialistas da educação, a supervisora e a orientadora educacional relataram que a avaliação dos alunos surdos é realizada como a dos demais alunos, claro que se deve levar em conta o ritmo da aprendizagem de cada aluno, seja ele surdo ou ouvintes.

O processo avaliativo da aprendizagem na escola se dá de várias formas: Avaliação diagnóstica que é de suma importância, pois subsidia todo o trabalho pedagógico. Ela acontece de forma contínua, ou seja no decorrer do processo de aprendizagem, através da observação, do acompanhamento individual do aluno, com atividades específicas para cada caso, dentre outras. Essa avaliação tem o objetivo de levantar as dificuldades dos alunos, refletir sobre a prática pedagógica e redirecionar os posteriores procedimentos didáticos.

A auto-avaliação, para os educandos, onde cada um tem a oportunidade de refletir sobre os aspectos positivos e negativos de sua conduta no processo de ensino. A avaliação bimestral quantitativa e qualitativa,

prevalecendo os aspectos qualitativos. Essa avaliação acontece com atividades bem diversificadas, como: pesquisas, trabalhos em grupos e individuais, como também provas com questões descritivas e de múltiplas escolhas.

10

O objetivo desta avaliação é verificar o que o aluno aprendeu e atribuir notas.

A coordenação pedagógica afirma existir dificuldades na realização de seu trabalho com os professores, no que diz respeito à educação dos alunos surdos. Estas dificuldades são de origem nas condutas de alguns professores, pois os alguns são resistentes em adotarem as mudanças necessárias ao êxito do processo ensino aprendizagem.

O questionário dirigido aos professores foi respondido por dois professores da escola, que foram selecionados de acordo com o ponto de vista da maioria denomino-os como professora P1 e professora P2.

Ao serem questionadas sobre o conhecimento das políticas de inclusão social, a P1 afirma ter conhecimento, e que estas dizem respeito aos direitos das pessoas deficientes, dependendo do seu grau, dentre outros, de estudarem em escolas regulares. A P2 também afirma ter conhecimento e define-as dizendo que é o que dá ênfase aos direitos das pessoas deficientes de se interagirem de forma inclusiva na sociedade, partindo da inclusão educacional e vem mostrar que todos nós somos iguais perante a lei.

Percebe-se que os professores estão buscando aos poucos conhecimentos legais no âmbito da educação inclusiva.

Quanto a opinião em relação à inclusão de alunos com surdez na sala de aula regular a P1 diz: “Acho que é um trabalho muito complexo e exige muita capacitação e dedicação por parte do professor. Mas acredito que é possível, apesar de não ter trabalhado ainda com aluno surdo”. Já a P2 tem experiência com aluno surdo e diz: “Atualmente trabalho com 25 alunos, onde um é surdo. É um trabalho muito difícil, pois ele precisa de atenção dobrada mais tenho que atender os demais alunos e acabo deixando um pouco a desejar no processo, sem falar na dificuldade de comunicação, pois tenho apenas um conhecimento básico de LIBRAS e a escola não dispõe de intérprete. Porém acho uma experiência válida e concordo plenamente com as

políticas de inclusão. Desde que haja a concretização efetiva de tudo que é necessário para realização de um trabalho eficaz”.

Quanto a socialização dos alunos surdos com os ouvintes no espaço escolar como um todo, a opinião da P1: é de que “alguns alunos surdos se interagem bem desde o primeiro momento e outros são mais tímidos, mas com o tempo vão se soltando. A escola procura fazer um trabalho de conscientização com os alunos ouvintes.

11

A P2 afirma: “alguns alunos surdos tem dificuldades em interagir, parece não aceitar a sua condição, mas de forma lenta e com a ajuda dos ouvinte,vão se socializando. Ainda existe alunos que apesar do trabalho de conscientização realizado pela escola, não respeitam.

Questionada sobre a sua capacitada para trabalhar com os alunos surdos e atender suas necessidades, de forma eficaz a P1 diz: (...) “já fiz várias capacitações na área, mas por mais que a gente se prepara, ainda é pouco para tal. É um trabalho que precisa de muito empenho, não é uma tarefa fácil. E a P2: “Procuro estar sempre buscando conhecimentos e melhorar minhas condutas, porém ainda não é o suficiente para me considerar eficiente. Acredito estar longe disto.

Em relação à forma de se comunicar com os alunos surdos a P1 responde: “Não trabalhei ainda com alunos surdos. Já fiz cursos de capacitação em LIBRAS mas tenho apenas noções”. Enquanto que a P2: “Procuro usar a LIBRAS e a imagem e quando isso não é possível devido o pouco conhecimento de LIBRAS que tenho, até mesmo outro sinal como a mímica às vezes é preciso usar. A imagem é um recurso fundamental no processo aprendizagem do aluno surdo”.

Sobre as expectativas em relação à melhoria para o processo de inclusão dos alunos surdos em sua escola a P1 espera: “Diminuir o número de alunos na sala de aula, uma vez que o aluno surdo necessita de uma dedicação maior por parte do professor e dispor de interprete de LIBRAS na sala. E para a P2:”Dispor de auxiliar pedagógico nas salas com alunos surdos”.

O conceito de currículo para as professoras questionadas “É toda organização pedagógica da escola com o intuito de desenvolver a aprendizagem da diversidade de alunos que ela possui”. Segundo a P2 “Currículo é a estrutura organizacional teórica e prática da escola, flexíveis ou

não, que determinam as ações pedagógicas com o objetivo de fazer acontecer a aprendizagem dos alunos”.

De acordo com a visão dos professores, currículo são planejamentos, conteúdos escolares, práticas pedagógicas ou técnicas de ensino, objetivos educacionais e metas, que fazem parte do contexto escolar. Os professores mencionaram ainda sobre a importância da elaboração coletiva desse currículo, não só dos docentes, mas também a participação dos demais seguimentos da escola, principalmente dos discentes ouvintes e surdos.

12

Esse procedimento dará oportunidades aos discentes surdos, que é o caso agora, de opinar sobre seus interesses, suas necessidades reais, suas angústias, sua cultura e sua história. No currículo de uma escola inclusiva não poderá faltar aquilo que é garantido por lei, principalmente um instrutor de LIBRAS.

Os professores estão realmente atualizados com relação aos conhecimentos na construção de um currículo mais eficaz, no processo de inclusão dos alunos surdos.

Enfim, concordo com a idéia de que, currículo é toda organização escolar, objetivada pelo sucesso do processo Ensino Aprendizagem: as atividades programadas e desenvolvidas sobre sua responsabilidade que envolve a aprendizagem dos conteúdos escolares pelo aluno, dentro ou fora da escola, e que essa organização deve acontecer de forma responsável, participativa, tendo o aluno como foco das atenções, e que o aluno surdo também tenha a oportunidade de dar sua opinião sobre as decisões que envolvem a sua cultura, o seu futuro a sua vida. Pois a escola como instituição social, deverá despertar a consciência de preservação da cultura, interagindo com o processo do desenvolvimento e a formação do aluno.

Foi possível constatar que praticamente todos os professores têm pontos de vista parecidos em relação a inclusão. Acredito que seja pelo fato da escola já vir a um bom tempo desenvolvendo um trabalho de conscientização e de capacitações na área. Apesar das muitas dificuldades encontradas no processo ensino aprendizagem do aluno surdo, os professores acreditam nessa possibilidade e trabalham para tal.

Muitos educadores manifestam compreender e aceitar a Inclusão Educacional mas percebe-se que isso é apenas um discurso externo. O que vai realmente confirmar essa teoria é a postura e a prática diante da realidade. Onde não pode fazer parte dos procedimentos atitudinais do educador, as situações como: preconceito, acomodação, rotulação, apelidos, discursos vagos e outros, que prejudicam a identidade da pessoa com deficiência. Pois essas pessoas são iguais as demais, principalmente em direitos, e não deve conviver com a manipulação de sua identidade.

Foi observado como realmente acontece o atendimento do aluno surdo no âmbito da escola e em diversas situações, como: A realização de atividades no processo ensino aprendizagem na sala regular , na sala do

13

AEE (Atendimento Educacional Especializado), a avaliação da aprendizagem e dos procedimentos metodológicos, a participação dos alunos surdos nas aulas de educação física, festas, apresentações, a convivências com os colegas, a postura dos professores, as dificuldades em atender esses alunos, os planejamentos, assim como a escola em geral e a relação entre ouvintes e surdos no dia a dia escolar, dentre outras.

A coleta de informações deram base para a realização do trabalho, pois verifiquei a qualidade do ensino realizado pela escola, as dificuldades dos professores em realizar um trabalho eficaz, a falta de assistência familiar e a socialização dos alunos surdos com os ouvintes no espaço da escola regular.

3 - EDUCAÇÃO INCLUSIVA: Aluno com surdez na sala comum do ensino regular

Na educação atual, enfrentamos muitos desafios. Dentre eles, a questão da inserção social, da inclusão educacional, da diversidade cultural, o acesso universal as tecnologias e os sistemas de informações credenciados para alimentar o pensamento lógico, dinamizar o raciocínio e o juízo crítico.

A motivação inicial para a educação passa pela necessidade de uma revitalização da linguagem, de modo que ela se torne um instrumento objetivo de criação, pois a língua é social e é pela cooperação que a cultura se desenvolve. Uma linguagem expressiva possibilita a clareza, fundamental num intercambio de conceitos e princípios que precisam convergir para o

conhecimento efetivo porque, quando totalizante, toda linguagem se torna uma e solidária, mesmo em campos diversos e conflitantes.

A educação constitui direito de todos os cidadãos brasileiros, surdos ou não, e cabe aos sistemas de ensino viabilizar as condições de comunicação que garantam o acesso ao currículo e à informação.

A Língua Brasileira de Sinais – Libras e a língua portuguesa são as línguas que permeiam a educação de surdos e se situam politicamente enquanto direito no Brasil. A aquisição dos conhecimentos em língua de sinais é uma das formas de garantir a aquisição da leitura e escrita da língua portuguesa pela criança surda. O ensino da língua de sinais e o ensino de português, de forma consciente, é um modo de promover o processo educativo.

14

O português é a língua oficial do país, e uma segunda língua para pessoas surdas, o que exige um processo formal para sua aprendizagem.

Há três tipos de surdez: Pessoa com surdez leve é a que apresenta perda auditiva de até quarenta decibéis. Essa perda impede que o indivíduo perceba igualmente todos os fonemas das palavras. Além disso, a voz fraca ou distante não é ouvida. Em geral, é considerado desatento, solicitando, freqüentemente, a repetição daquilo que lhe falam. Essa perda auditiva não impede a aquisição normal da língua oral, mas poderá ser a causa de algum problema articulatório na leitura e/ou na escrita. A Pessoa com surdez moderada, apresenta perda auditiva entre quarenta e setenta decibéis e são capazes de perceber palavras, sendo necessário uma voz de certa intensidade para ser percebida. É freqüente o atraso de linguagem e em alguns casos, maiores problemas lingüísticos. Tem dificuldade de discriminação auditiva em ambientes ruidosos. Sua compreensão verbal está intimamente ligada a sua aptidão para a percepção visual. O surdo é a pessoa com surdez severa apresenta perda auditiva entre setenta e noventa decibéis. Este tipo de perda permite a identificação de alguns ruídos e poderá perceber apenas a voz forte, podendo chegar até aos quatro ou cinco anos sem aprender a falar. A criança poderá chegar a adquirir linguagem oral com uso de prótese. A pessoa com surdez profunda apresenta perda auditiva superior a noventa decibéis. A gravidade dessa perda é tal que o priva das informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz humana, impedindo-o de adquirir a língua oral.

Para poder se comunicar e facilitar a convivência, as pessoas surdas procuram criar e desenvolver formas de linguagem não oficial, como a mímica e gestos, mesmo não sendo expostas a nenhuma língua de sinais.

As crianças desenvolvem espontaneamente um sistema de gesticulação manual que tem semelhança com outros sistemas desenvolvidos por outros surdos que nunca tiveram contato entre si e com as línguas de sinais já conhecidas; e se dão muito bem, tanto ao desenvolver as atividades propostas em sala de aula como nas brincadeiras e diversões, se tornam verdadeiros amigos um defende o outro e estão sempre juntos; enquanto que com os outros colegas de sala de aula que são ouvintes eles não conseguem ter esse mesmo convívio, ou seja, apego.

Segundo Fernandes (2000, p 49):

Desenvolver-se cognitivamente não depende exclusivamente do

15

domínio de uma língua, mas dominar uma língua garante os melhores recursos para as cadeias neuronais envolvidas no desenvolvimento dos processos cognitivos.

O autor chama a atenção de que é fundamental desenvolver alternativas que possibilitem as crianças surdas, meios de comunicação que as habilitem a desenvolver o seu potencial lingüístico, pois a capacidade de comunicação lingüística apresenta-se como um dos principais responsáveis pelo o processo de desenvolvimento do indivíduo com surdez em toda sua potencialidade.

Vygotsk (1991), um dos primeiros pesquisadores soviético, afirma que a linguagem tem um papel decisivo na formação dos processos mentais e, para prová-lo, empreende uma série de experimentos que visava testar a formação da atenção ativa e dos processos de desenvolvimento da memória por meio da aquisição da língua. Percebe-se que toda essa experiência comprova claramente, que a língua tem o seu papel fundamental na formação dos processos cognitivos, segundo o autor é importante perceber a “língua não apenas como forma de comunicação, mas também como uma função reguladora do pensamento”. (VYGOTSKY, 1991, p.43).

As crianças aprendem a língua por meio da exposição informal e do uso ativo, e não por lhe ser imposta. A convivência com a família é muito importante para o desenvolvimento da linguagem. O dialeto da criança é de

acordo com o seu meio e seus pais são os facilitadores que ajudam os filhos a absorverem a cultura e fazer uso permanente da sua curiosidade.

A pessoa surda assim como a ouvinte passa por estágios de desenvolvimento da linguagem. Para que não haja fragmentação na linguagem é necessário que as crianças surdas e ouvintes estejam em contato com estímulos. No caso dos surdos, estímulos visuais, com pessoas que utilizam a libras e a língua portuguesa, para que desenvolvam satisfatoriamente sua linguagem materna, a LIBRAS.

A criança surda que tem pais surdos que utilizam a língua de sinais desde o nascimento o desenvolvimento dessa língua irá seguir normalmente. o mesmo curso que o desenvolvimento da fala em crianças ouvintes. por outro lado, crianças surdas de famílias ouvinte passam pelo perigo de sérias dificuldades de linguagem no principio da vida e de uma incapacidade para apreender o que está ocorrendo ao seu entorno.

16

O vínculo emocional com os pais se torna mais difícil de acontecer e evidentemente de se manter.

De acordo com Oliveira (2006, p. 47):

O percurso do pensamento encontra-se com o da linguagem e inicia se uma nova forma de funcionamento psicológico: A fala torna se intelectual, com a função simbólica, generalizante, e o pensamento torna-se verbal mediado por significados dados pela linguagem.

Para Oliveira, não importa a forma de se comunicar, o importante é comunicar-se, inteirar-se verdadeiramente na sociedade, desenvolver suas habilidades e exercer sua cidadania com criticidade. Por outro ângulo não basta só oferecer uma educação que permita o desenvolvimento integral do individuo de forma que desenvolva sua potencialidade, é preciso que a linguagem de uma criança surda efetive com o aprendizado da língua portuguesa e da aquisição da LIBRAS.

A surdez consiste na perda maior ou menor da percepção normal dos sons, sob o aspecto da interferência na aquisição da linguagem e da fala, o déficit auditivo pode ser definido como perda média em decibéis, na zona convencional (freqüência de 500 – 1000 – 2000 hertz) para o melhor ouvido. Pessoa com surdez leve apresenta perda auditiva de até quarenta decibéis. Essa perda impede que o indivíduo perceba igualmente todos os fonemas das palavras. Além do mais a voz fraca ou distante não é ouvida, essa

perda auditiva não impede a aquisição normal da língua oral, mas poderá ser a causa de algum problema articulatório na leitura e/ou na escrita. Já o indivíduo com surdez moderada apresenta perda auditiva entre quarenta e setenta decibéis, nesse caso é freqüente o atraso de linguagem e as alterações articulatórios, havendo, em alguns casos, maiores problemas lingüísticos.

O indivíduo com surdez severa apresenta perda auditiva entre setenta e noventa decibéis. Este tipo de perda vai permitir que ele identifique alguns ruídos familiares e poderá perceber apenas a voz forte, podendo chegar até os quatro ou cinco anos sem aprender a falar. Se a família estiver bem orientada a criança poderá chegar a adquirir linguagem oral.

Por último a surdez profunda, pessoa que apresenta perda auditiva superior a noventa decibéis. A gravidade dessa perda é tal que o priva das informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz humana, impedindo-o de adquirir a língua oral.

17

O incomodo da função auditiva estão ligadas tanto à estrutura acústica quanto à identificação simbólica da linguagem.

Um bebê que nasce surdo balbucia como um de audição normal, mas suas emissões começam a desaparecer à medida que não tem acesso à estimulação auditiva externa, fator de máxima importância para aquisição da linguagem oral. Esse indivíduo geralmente utiliza uma linguagem gestual, e poderá ter pleno desenvolvimento lingüístico por meio da língua de sinais. Tal perda, no entanto, não traz nenhum problema lingüístico para o desenvolvimento e aquisição da língua brasileira de sinais – LIBRAS.

Entende-se que o aluno surdo assim como o ouvinte tem as mesmas possibilidades de desenvolvimento da aprendizagem necessitando trabalhar de forma eficaz para suprir suas necessidades especiais.

4 - A EDUCAÇÃO BILÍNGÜE

A exclusão social e educacional são indicadores da realidade, que durante séculos desconsiderou a existência da língua de sinais utilizada pelas pessoas surdas. Segundo o IBGE 2000, o número de surdos é muito alto. No entanto os dados do Censo Escolar /2005 registraram a matricula de apenas 6.6261 alunos surdos ou com deficiência auditiva na Educação Básica

e no Censo da Educação Superior 2004 registrou 974 alunos com deficiência auditiva. Para inverter esse quadro, os movimentos sociais e educacionais, a partir de demandas da comunidade surda e de pesquisas realizadas começaram a reivindicar o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

Com o reconhecimento da LIBRAS, a oferta de educação bilíngüe passa a ser organizada pelos sistemas de ensino como direito dos alunos surdos de modo a viabilizar-lhes o acesso aos conteúdos curriculares tendo em consideração, nesse caso, a leitura e a escrita não depende da oralidade.

A LIBRAS como primeira língua e a LÍNGUA PORTUGUESA como segunda língua (modalidade escrita). Assim os sistemas de ensino devem a partir de 2006 organizar classes ou escolas bilíngües, abertas a surdos e ouvintes, providenciar cursos de formação de professores, organizar serviços de tradutor e interprete de libras para atuação nas classes que tem

18

surdos nos anos finais do ensino fundamental, ensino médio, educação de jovens e adultos, educação profissional e superior.

O acesso a comunicação, a informação e a educação deverão ser garantido mediante a implementação da educação bilíngüe, em que LIBRAS e LÍNGUA PORTUGUESA constituem línguas de instrução, bem como mediante a formação e atuação de professores bilíngües e instrutores de LIBRAS.

A ampliação e a oferta de cursos superiores de LIBRAS e de tradução e interpretação de LIBRAS são características que novos tempos estão modificando a estrutura da educação dos surdos brasileiros. Hoje é registrada a presença de alunos surdos em cursos de pós-graduação, fato utópico há poucos anos atrás.

O Brasil destaca-se na América Latina por ter uma política educacional que prevê a inclusão de todos os alunos, inclusive daqueles que tem diferenças lingüísticas. Destaca-se por ter reconhecido a língua de Sinais como meio legal de comunicação e expressão, utilizada por um expressivo

grupo de brasileiros, fato que colocou LIBRAS como disciplina, na formação inicial de todos os professores e fonoaudiólogos.

As diferentes maneiras de oferecer uma educação bilíngüe a uma criança surda ou ouvinte em uma escola dependem de decisões político-pedagógicas. Ao decidi-se proporcionar uma educação bilíngüe a escola está assumindo uma política lingüística e pelo menos duas línguas passarão a estar presente no espaço escolar.

A escola deverá pensar a melhor forma de como estas línguas estarão acessíveis às crianças além de desenvolver as outras atividades. Essa demanda vai depender de 'como', 'onde', 'quando', e 'de que forma' os educandos utilizaram as línguas na escola.

As Línguas de Sinais apresentam características bastante próprias, além do conteúdo e da situação sócio-histórica, devido ao fato de ser uma língua espaço-visual e utilizar aspectos espaciais diferentes das línguas orais.

As Línguas de Sinais são línguas naturais, que utilizam o canal visual-manual, criadas por comunidades surdas através de gerações. Estas línguas, sendo diferentes em cada comunidade, têm estruturas gramaticais próprias, independentes das línguas orais dos países em que são utilizadas.

19

As Línguas de Sinais possuem todas as características das línguas orais.

As Línguas de Sinais, que não são universais, são sistemas lingüísticos independentes dos sistemas das línguas orais. E elas são comparáveis em complexidade e expressividade a quaisquer línguas orais. Expressam idéias sutis, complexas e abstratas. Os surdos que utilizam a LIBRAS podem discutir sobre qualquer assunto, interagindo e participando da sociedade a qual está inserido.

A visão em relação ao surdo vem se modificando no decorrer da história. E um dos pontos mais polêmicos é à utilização das línguas de sinais. Até o final do século dezenove as línguas de sinais foram bastante utilizadas em todo o mundo. A partir dessa época, a situação se modificou e a possibilidade de ensinar o surdo a falar, estimulada pelas novas tecnologias, levou alguns educadores a rejeitarem as línguas de sinais, acreditando que a aquisição destas dificultaria o aprendizado da língua oral. Só no final do século

XX que começa a surgir uma nova visão em relação ao surdo e à língua de sinais. Percebe-se a necessidade de valorizar esta língua e sua cultura, e não misturá-la com a língua oral. As línguas de sinais, a comunidade surda, seus valores e sua cultura passam a receber a atenção de diversos profissionais de diferentes áreas.

A língua de sinais é adquirida mais rapidamente que a língua oral, por isto o sistema conceitual da criança é formado de início, principalmente através da LIBRAS.

A aquisição espontânea da língua de sinais em idade semelhante à que as crianças ouvintes adquirem a língua oral já evita o atraso de linguagem e todas as suas conseqüências, em nível de percepção, generalização, formação de conceitos, atenção, memória, na evolução das brincadeiras e também na educação escolar, se a escola utilizar a língua de sinais como principal instrumento lingüístico.

A aquisição da LIBRAS desde a mais tenra idade possibilita às crianças surdas maior rapidez e naturalidade na exposição de seus sentimentos, desejos e necessidades. Possibilita a estruturação do pensamento e da cognição e ainda uma interação social, ativando conseqüentemente o desenvolvimento da linguagem.

20

O processo de aquisição da LIBRAS é igual ao processo de aquisição de línguas orais-auditivas, ou seja, obedece à maturação da criança que vai internalizando a língua a partir do mais simples para o mais complexo. (QUADROS, 2004)

Com a falta da audição, a capacidade visual dos surdos é aguçada, uma língua espaço-visual é adquirida de forma mais natural pela criança surda. No entanto para que a criança possa adquiri-la, há necessidade de estar exposta a ela. E por isso torna-se imprescindível a presença do adulto surdo na educação da criança surda para que esta possa adquirir a língua. A língua de sinais pode ser considerada a grande saída par evitar os atrasos de linguagem, cognitivo e escolar das crianças surdas.

As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela lingüística como línguas naturais ou como um sistema lingüístico legítimo, e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960,

percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios lingüísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. (QUADROS E KARNOPP, 2004, p. 30).

No Brasil, a Lei Nº 10.436, de abril de 2002, dispõe e reconhece a LIBRAS como meio legal de comunicação e expressão objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.(BRASIL, 2002).

Segundo Quadros (1997), a escrita deve ser a oportunidade de o indivíduo expressar inúmeras situações significativas para determinados fins. A produção criativa é possível somente quando envolve situações comunicativas verdadeiras e quando o aluno identifica as possibilidades da nova língua enquanto objeto social e interacional. A língua escrita é uma língua construída independentemente da construção da língua oral. Um bom leitor e um bom escritor é aquele que gosta de lê e escrever. A língua escrita é adquirida por meio de constante acesso a ela.

Tanto Vygotsky quanto autores piagetianos, como Ferreiro e Teberosky (1985), partem do pressuposto de que a escrita representa a fala e a linguagem. Deixando transparecer claramente suas idéias, o primeiro afirmou que uma descoberta básica da criança é compreender que se pode desenhar (escrever), além de coisas, também a fala. Ferreiro por sua vez, constata, na psicogênese da língua escrita, que o período de maior importância evolutiva é

21

aquele em que a criança atinge a hipótese silábica e começa a perceber as relações entre fala e escrita.

Considerando a escrita como representação da linguagem, pode-se concluir da importância de se desenvolver uma linguagem (qualquer que seja sua natureza: oralizada, sinalizada) para a apropriação da escrita. Estabelece-se, então uma relação entre linguagem e escrita: a linguagem possibilita a apropriação da escrita e o desenvolvimento da escrita enriquece a linguagem.

O que se disse sobre a imersão no mundo da linguagem é mais do que pertinente para a apropriação da escrita. É na imersão no mundo da escrita, no contato intenso com os mais variados portadores de texto que a criança começa a aprender a ler e escrever e a formular hipóteses sobre a escrita e, sob a orientação do professor, a reformular essas hipóteses.

Dessa forma, desde a educação infantil, a criança deve estar em contato constante com a leitura e a escrita. É importante que a criança desde cedo seja estimulada a ler histórias infantis. Essas devem ser lidas para as crianças com surdez com apoio de muita imagem visual, muita dramatização e acompanhada da língua oral ou da língua de sinais, dependendo do momento e do modelo educacional. É preciso despertar na criança o interesse pela leitura.

É importante o envolvimento da criança no universo do letramento, a atenção voltada para tudo que está escrito ao seu redor. Mesmo que não saiba ler, tudo o que for vivenciado em atividades de classe, em passeios, em relatos trazidos de vivências experimentadas pelas crianças e trazidas para a sala de aula, deve ser registrado em forma de textos construídos junto com crianças e escritos pelo professor.

É fundamental que a criança perceba que em sua maioria, que é experimentado pode ser escrito, e tudo que é escrito pode ser lido, despertando assim, para o gosto pela leitura e escrita. O desenvolvimento da língua escrita é motivo de grandes estudos. É importante perceber, entretanto, que sua aquisição ocorrerá à medida que a criança estiver exposta a ela.

Mesmo sabendo-se que a criança ainda não sabe ler, o apoio escrito deve ser dado à criança com surdez sempre que possível, e desde muito cedo. O registro escrito, reforçado com um desenho, foto ou colagem representativa, realizado durante ou após situações vivenciadas pela criança,

22

funciona como apoio visual, facilitando aprendizagem da língua portuguesa, estimulando a leitura e escrita e contribuindo para a memorização de palavras e de estruturas frasais. Poderá ainda ser revivido e lido em outros momentos pelos familiares, professores, fonoaudiólogo etc.

Os desenhos, gravuras e fotos, auxiliam a criança com surdez e estimula os outros alunos a se interessarem pela leitura e escrita. No início, a leitura que a criança faz é globalizada e contextualizada. A leitura torna-se fácil, porque é associada a uma situação já vivenciada. Com o uso freqüente da escrita, muitas palavras e frases, nomes, ações que se repetem são memorizadas, tanto na leitura como na escrita, e servem como mais um recurso que o aluno com surdez passa a utilizar para comunicar-se.

A partir de vivências, de dramatizações, o professor deve elaborar textos junto com as crianças e despertar nelas o gosto pela leitura e escrita. As vivências devem ser sempre desenvolvidas em língua de sinais. Os textos podem ser registrados em grandes blocos ou álbum seriado, para que sua leitura seja retomada varias vezes. No início a criança ainda não está alfabetizada, mas ela fará a leitura em língua de sinais e será capaz de fazê-lo por ter participado ativamente de sua construção.

Vocábulos novos devem ser sempre apresentados em fichas. Procurar ensinar o sinal correspondente e apresentá-los com o alfabeto digital para estimular a memória visual e sinestésica da criança. Para que passem a ter significação, deve-se trabalhar com uma grande variedade de jogos: dominó, encaixe, memória e outros.

A exploração dos vários portadores de texto pode acontecer, também, mesmo quando a criança ainda não é alfabetizada. Ouvir histórias, contos, cartas, bilhetes, receitas etc. lidos pela professora (oralmente e em língua de sinais para os surdos), manipular esses materiais, observar como são constituídos é uma ótima forma de familiarizar o sujeito com a estrutura dos diversos gêneros textuais, o que o ajudará muito quando começar a produzir textos. É necessário provocar situações práticas, funcionais, que criem na criança a necessidade de escrever e o motivem a isso. Assim criar situações que lhes permitem o verdadeiro exercício da escrita, e possibilitando-lhes o contato, a exploração e a construção de vários gêneros textuais (cartas, bilhetes, diálogos, recontos, etc.) a produção dos alunos é bem mais rica, constituindo verdadeiros textos.

23

A imersão no mundo da escrita, o contato e a exploração dos vários gêneros textuais é fundamental para que o sujeito avance nas suas hipóteses sobre a escrita. Assim sendo, se, inicialmente, foi um grande avanço a criança perceber as relações entre fala e escrita e compreender que a escrita pode ser representação da fala. É no contato com os textos e no exercício da escrita que o aluno, sob a orientação do professor, passará a compreender, também, as diferenças entre fala e escrita. Passará a perceber que falar e escrever são funções diferentes com características próprias. Começará a se conscientizar de que há semelhanças e diferenças entre fala e escrita e chegará a compreender que a escrita pode ser representação da fala, sem ser

necessariamente transcrição da mesma.

Assim como na linguagem, a apropriação da escrita se dá no seu exercício. Possibilitar ao sujeito exercitar a escrita, em todos os seus níveis, é a melhor maneira de levá-lo a aprender a escrever. E isso se dá desde a aprendizagem dos primeiros traços até numa fase mais avançada, quando ela começa a produzir textos. O importante é permitir que exercite a escrita, mesmo quando ainda não sabe escrever.

5 - ALFABETIZAÇÃO EM PORTUGUÊS NO CONTEXTO DO ALUNO COM SURDEZ.

É sabido que a primeira língua dos surdos é a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) e a segunda é a Língua Portuguesa. Lembrando que as atividades em português deverão sempre ser antecedidas pelo trabalho em LIBRAS, ou seja, o aluno necessariamente deve ter conhecimentos de sua primeira língua.

A seguir serão sugeridas atividades variadas e dicas para o trabalho de alfabetização que proporcionará a leitura e escrita em português para os alunos surdos.

O trabalho de alfabetização em português para surdos deve estar contextualizado e proporcionar condições favoráveis a compreensão textual. O professor alfabetizador deverá ter formação suficiente, para ser capaz de prover resposta educativa de qualidade às necessidades educacionais que seus alunos surdos possam apresentar, no processo Ensino-

24

Aprendizagem no contexto de uma proposta inclusiva.

Pois o professor necessita e deve preparar atividades de leitura levando em conta o interesse individual do aluno e procurar recursos que irá motivá-lo a demonstrar curiosidade para ler um determinado texto. Ao trabalhar um texto o professor deverá explicar de forma clara a importância daquela leitura para que o aluno saiba o porquê daquele texto. O texto a ser trabalhado deverá ser selecionado criteriosamente de acordo com o interesse e curiosidade do aluno.

Todo esse trabalho de incentivo e motivação sobre o texto deverá ser feito pelo professor na língua de sinais (LIBRAS). O professor pode ainda valorizar o trabalho com palavras-chaves, ou seja, os vocabulários mais importantes do texto, como também o uso do dicionário. Esse procedimento facilitará uma melhor compreensão da leitura.

De acordo com QUADROS e SCHMIEDT(2006) ao preparar atividades de leitura para seus alunos, o professor deverá refletir sobre os seguintes pontos:

- Quais os tipos de textos adequados à faixa etária da criança?
- Qual o conhecimento pré-adquirido a criança tem sobre o assunto do texto a ser trabalhado?
- Como poderá ser feita uma breve exploração do assunto, como preparação para trabalhar o texto todo?
- Quais as curiosidades os alunos apresentam sobre o assunto?
- Quais os vocabulários corretos e os elementos lingüísticos proporcionarão a melhor compreensão do texto?

Vale lembrar que todo esse trabalho educacional com alunos surdos tem que ser paralelo ou auxiliado pela sua primeira língua LIBRAS (Língua Brasileira e Sinais).

Os textos selecionados para serem trabalhados com crianças surdas na sua segunda língua devem ser textos verdadeiros interessantes e que estimulem a curiosidade da criança. Os contos e histórias infantis são adequados para o Ensino Fundamental (Séries iniciais). Podem ser trabalhados inúmeros tipos de textos como: histórias em quadrinhos, reportagem, rótulos, poesias e outros. Lembrando que a compreensão preceder a produção e a leitura parece a escrita.

Para o aluno surdo, a leitura apresenta vários níveis:

25

1) Concreto – sinal: Identificar o sinal de coisas concretas ligadas com o aluno.

2) Desenho – sinal: Identificar o sinal relacionado com o desenho, tal desenho pode estar representando objetos, ação e outros.

3) Desenho – palavras escrita: Ler a escrita relacionada com o desenho, associando um ao outro.

4) Alfabeto manual – sinal: Fazer relação entre o sinal (LIBRAS) e a palavra letra por letra com o uso do alfabeto manual.

5) Alfabeto manual – palavra escrita: Associar a palavra escrita com a palavra soletrada com o alfabeto manual.

Com todo esse trabalho de compreensão textual, o aluno vai adquirindo condições de começar a produzir textos de acordo com suas

25

experiências na escola, como também na sua vida social. Assim a leitura a escritas do aluno terá sentido real para si, como por exemplo: montar com os alunos livros com suas produções e ilustrações individuais ou coletivas, fazer exposições para as outras turmas, trocar livros entre si para ler, premiar os melhores trabalhos montar murais, promover concursos de textos variados, mostrar os trabalhos para a família; expor os trabalhos na biblioteca, para que todos possam conhecer e ter, acesso livre.

A escola pode ainda expor os livros em feiras na cidade, montar diário de notícias ou divulgar em jornal local. Tais livros podem focar diversos tipos de textos, como: artigos, entre vistas, cartas, propagandas, anúncios, avisos legais, receitas, reportagem, humor, poesias, ditos populares, etc.

Na fase inicial de produções escritas do aluno surdo, o mais importante é que a criança tenha condições de expor seu raciocínio. Sendo assim, nesse primeiro momento, não há necessidade de se preocupar muito com a organização estrutural do texto, na língua portuguesa. O que pode ser adiada para o momento em que a criança se sentir mais segura para exercício da escrita.

O professor deverá proporcionar ao aluno, durante todo esse trabalho de leitura, compreensão, escrita e produções, momentos significativos, motivadores e estimulantes, para que o aluno possa adquirir gosto cada vez mais, e ter vontade e ser capaz de expor suas idéias se sentindo valorizado por

26

isso, evitando possíveis frustrações no processo – aprendizagem.

6- RECURSOS DIDÁTICOS

No processo ensino-aprendizagem dos alunos surdos, existem muitos recursos didáticos que podem ser usados para contribuir e facilitar a educação dos mesmos, onde o sucesso de cada recurso depende principalmente da criatividade e dedicação do educador. O professor deverá recorrer sempre a recursos didáticos que irão enriquecer seu trabalho e principalmente favorecer a aprendizagem do aluno. Nem sempre tais recursos são encontrados prontos para serem usados. É necessário que sejam criados e confeccionados de acordo as necessidades educacionais e ritmo de cada criança.

A “falta de material” sugestivos causa angustias em muitos Professores despreparados. É importante que os professores e escola que têm experiências na área, divulguem em jornais, revistas, encontros, etc. sugestões de recursos didáticos, assim como os professores sem experiência se interessem também em pesquisar, ler e buscar seus próprios recursos.

Sugestões de recursos didáticos para o ensino da Língua Portuguesa:

a) Fichário

- O fichário é uma caixa cheia de fichas padronizadas, com figuras e palavras diversas em grande quantidade que podem ser usadas em muitos momentos das aulas, das brincadeiras, etc. para que os alunos possam associar a palavra ao seu desenho.
- Caixa: deve ter um tamanho médio, a medida que a caixa ficar muito cheia as fichas podem ser trocadas, e sempre que necessário podem ir acrescentando outras.
- Fichas: podem ser confeccionadas com papel cartão com tamanho mínimo de 20 cm x 15 cm. E para maior duração, as fichas podem ser plastificadas.
- Figuras: Devem ser de preferência recortadas de revistas que são coloridas, mas podem ser de outras origens, desde que sejam bem claras e nítidas e de fácil identificação. Tais figuras não podem ter várias espécies diferentes, porque confunde a compreensão:

27

- ERRADO: ficha que irá trabalhar a abelha, porém a abelha está sobre uma flor. A ficha deverá conter apenas a figura desejada, que

pode ser no caso das abelhas varias abelhas iguais ou de espécie diferente.

- Palavra: pode ser escrita com letra bastão cursiva ou com as duas, e pode ser colocada embaixo da figura, ao lado, em uma ficha à parte isso pode ser de acordo com o estagio de aprendizagem em que a criança se encontra e com o tipo de atividades em que as fichas serão usadas.
- As fichas devem estar bem organizadas na caixa de acordo com o assunto ou por ordem alfabética. O fichário pode ser usado em várias situações do dia-a-dia da sala de aula, portanto deverá ficar em lugar de fácil acesso.

Sugestão de uso do fichário.

- Introduzir palavras novas;
- Associar a figura a sua palavra e sinal correspondente.
- Procurar palavras iniciadas com determinada letra, sugerida pelo professor com auxilio do alfabeto manual, colocar um grupo de fichas na ordem alfabética, identificar quantidade de letra, agrupar palavras que se inicia ou termina com determinada letra. Selecionar as fichas relacionadas ao mesmo tema. Por exemplo: Higiene. Descrever a figura através do sinal, gestos ou expressão facial.
- Fixar vocabulário: o professor mostra a palavra e a criança procura a figura correspondente, ou ao contrário.
- Escolher 1,2 ou mais fichas para a criança produzir, usando em um mesmo texto a quantidade de fichas determinada. Exemplo: boneca, casa e menina. “A menina tem uma casa de boneca.”

b) Dicionário Libras / português

É um dicionário bilíngüe, de grande importância na educação dos surdos e que deve fazer parte do dia-a-dia da sala de aula. No comércio existem alguns dicionários e apostilas que passaram pela revisão de um grupo de surdos, o que é imprescindível ao confeccionar um material assim.

- O dicionário bilíngüe é um recurso didático que o professor deve ter sempre em mãos ao planejar e desenvolver suas aulas.

- Os alunos também devem fazer uso do mesmo sempre que julgar necessário.

c) Dicionário configuração de mãos/ português.

- Esse dicionário é um recurso que deve ser confeccionado juntamente com a criança durante as aulas com o objetivo de incentivá-lo a pesquisar.
- A confecção desse dicionário se baseia ao modelo já usado com alunos ouvintes, porém todo voltado para surdos, ou seja, a forma de estruturar e usar se modifica. A sugestão aqui colocada terá com base da procura da palavra a configuração de mãos e não a letra, isso proporcionará ao aluno surdo uma independência ao usar o dicionário.

Sugestões de uso do dicionário:

- Fixar as palavras trabalhadas;
- Acrescentar no caderno as palavras novas estudadas. O professor
- poderá tirar um dia da semana para revisão de vocabulário.
- Ficará a disposição da criança e até mesmo do professor no desenvolver de todos e qualquer atividades, tanto em classe como nos extraclases.

d) Caixa de gravuras

A caixa de gravuras devera conter variadas gravuras, com muitas informações que chamem atenção visualmente falando. Tais gravuras irão auxiliar o trabalho em inúmeras situações estimulando a curiosidade, a criatividade e o raciocínio, favorecendo assim a produção escrita.

- A caixa pode ser de sapato ou parecida decorada e identificar.
- As gravuras deverão ser diferentes das gravuras do fichário, que são mais simples. Essas devem ser ricas em imagens, apresentando situações diversas como: fatos, ações, vários personagens na mesma gravura, lugares, etc. As gravuras deverão ser grandes, igual ou acima do tamanho de uma folha ofício e podem ser coladas em cartolinas e plastificadas para maior duração.

Sugestões de uso:

- Trabalhar explorando os elementos da gravura com o auxílio da

- sinalização e da escrita;
- Produzir frases e textos de tamanhos variados a partir das cenas das gravuras;
- Produzir as produções através de sinais;
- Nas produções pensar sobre o antes e depois daquela cena e escrever as diversas possibilidades de acontecimentos;
- Jogar com as gravuras, trabalhando início e término de palavras, gravuras parecidas, enfim é possível criar inúmeras situações de uso da caixa de gravuras.
- Interpretar através de sinais ou escrita a cena da gravura;
- Descrever os personagens.

e) Caixa de alfabeto libras e português

A caixa de alfabeto libras e português deverá conter vários conjuntos de alfabetos em português e em sinais (LIBRAS) que irá auxiliar em diversas atividades de aprendizagem. Sugestões de uso do alfabeto libras e português.

- Montar palavras em sinais;
- Montar palavras em português;
- Transcrever palavras em sinais para o português;
- Trabalhar com palavras cruzadas em português;
- Relacionar palavras ou frases com os dois alfabetos;
- Trocar letras de palavras formando outras;
- Colocar o alfabeto em um saco, sortear letras para que os alunos escrevam ou sem sinais palavras iniciadas com ela;
- Formar frases iniciadas com tal letra o início de todas as palavras da frase;
- Confeccionar bingos, quebra-cabeça, jogo da memória, dominó usando gravuras, palavras e sinais.

f) Caixa com histórias em seqüência.

- Colocar em uma caixa várias histórias em seqüência, variando a quantidade de cenas;
- As cenas deverão ser recortadas e coladas em papel cartão,

30

- colocando cada história em saquinho de plástico identificado;
- Lembrando que as imagens devem ser bem nítidas.

Sugestões de uso da caixa de histórias:

- Formar frases ou textos;
- Observar e interpretar mentalmente, escrito ou em sinais;
- Apresentar o início ou final da história para se imaginar o que falta;
- Criar outras histórias em seqüências;
- Confeccionar livros com as histórias criadas para expor na biblioteca da escola.

g) Mural Libras/ Português

O professor poderá montar um mural em sala e colocar em uma parede visível. O mural poder ser confeccionado com um material que irá durar como cortiça, filtro, compensado, ou outros que permitira a troca e fixação de fichas com uso de alfinetes. O mural poderá ser usado em diversas situações de aprendizagem, como:

- Fixar vocabulário ou expressões trabalhados;
- Expor trabalhos feitos pelos alunos;
- Afixar fichas com figura-palavra-sinal, tais fichas podem ser da caixa de fichários, ou histórias em seqüência;
- Sempre que julgar necessário, pode ir trocando material afixado no mural;
- É importante que o início da alfabetização, deixe o material afixado no mural por tempos maiores, para que o aluno consiga fixar melhor o tema trabalhando. É necessário que o material afixado no mural esteja associado a Libras e português, além do desenho.

h) Caixa com silabas em libras e português

- Confeccionar silaba com alfabeto manual e com o alfabeto português, pode ser cartões cada tipo de alfabeto, ou em um mesmo cartão com silabas nos dois tipos de alfabeto libras e português.

Sugestões de uso:

- Montar palavras com um tipo de alfabeto e transcrever para o outro por escrito ou em sinais;

31

- Criar frases a partir das palavras montadas;
- Montar palavras e praticar o sinal correspondente;
- Montar grupos de palavras iniciadas com a mesma letra;
- Montar nomes dos colegas de classe;
- É um material que irá auxiliar tanto o professor como o aluno em diversas atividades da sala de aula.

l) Caixa de verbos

- A caixa de verbos deverá conter inúmeras gravuras bem nítidas de ações diversas. A gravura deverá ser colada em papel cartão deixando um espaço acima da gravura onde deverá conter a escrita do verbo que retrata a ação. É bom lembrar que para cada ação, usa se uma imagem diferente e não usar uma gravura para varias ações;
- A caixa de verbos é um material didático muito rico de grande utilidade e importância no estágio inicial de produção textual, proporcionando ao aluno a se expressar com mais eficiência o seu raciocínio na forma escrita.
- Às vezes em um dialogo em libras, o verbo não aparece, mais pode esta incorporando em outro sinal e quando o aluno escreve, o verbo também não aparece na escrita.

Observe essa conversa entre o professor e seu aluno surdo na linguagem de sinais.

- Onde você foi sábado?
- Eu casa vovó.
- O que você fez lá?
- Eu bicicleta.

Na primeira resposta a criança omitiu o verbo “ir” e incorporou no sinal da cada. Na segunda resposta a criança omitiu o verbo “andar” e incorporou-o no sinal de bicicleta. É uma forma bastante encontrada nas escritas de aluno surdo no período de sua alfabetização e a caixa de verbos irá ajudá-lo a estruturar suas produções. Sugestões de uso da caixa de verbos:

- Sortear verbos para a criança formar frases ou até mesmo texto maior;
- Brincar de mímica onde a criança ou o professor pega ou sorteia um verbo e a criança tenta descrevê-lo através, de mímicas, para outra criança adivinhar, respondendo na linguagem de sinais e assim explorar bastante esses verbos;
- Colocar bastante fichas com verbos espalhados em uma superfície variadas para baixo e o professor poderá selecionar para esse trabalho os verbos que precisam ser fixados e cada criança pega uma ficha e com ela formar frases, listar palavras iniciadas com a mesma letra ou sílaba, ilustrar o verbo com desenhos, ou seja usar a criatividade para explorar os verbos;
- Com as frases criadas, o professor poderá auxiliar os alunos a:
 - Destacar os verbos com lápis de cores ou canetas.
 - Usar as frases para montar textos e ilustrá-los.
 - Transcrever as frases com outro tipo de letra.
 - Misturar todas as frases e distribuir de forma que cada criança pega a frase do outro e em círculo cada um descreva através de sinais, a frase que pegou, para que o dono da frase identifique-a.
- As crianças poderão fazer uso da caixa de verbo no desenvolver das atividades diárias.

32

7- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de se conhecer as experiências e o ponto de vista dos professores como também o dia a dia da escola a respeito da inclusão do aluno com surdez nas salas comuns do ensino regular favoreceu muito a construção deste artigo monográfico.

Nas escolas primárias é ensinado que homem se diferencia dos outros animais por dominar a linguagem e por falar. A linguagem possibilita que a cada nova geração surjam novas descobertas, invenções e idéias, não precisando o homem inventar a roda e descobrir o fogo a cada geração. Os animais, ao contrário, quando morrem levam consigo praticamente tudo o que aprenderam, e seus filhotes começam a aprender do zero, utilizando, na maioria das vezes apenas reflexos e instintos.

Cada comunidade humana guarda em sua língua a memória, o passado. A língua é um bem tão importante de um povo, e para cada indivíduo, que existe sempre enorme resistência quando por algum motivo, nas guerras e

33

nas tomadas de territórios, um povo é obrigado a mudar de língua. Se um povo muda de língua ele deixa de ser ele mesmo já que sofre diversas transformações culturais, seu passado corre o risco de desaparecer e suas crenças e costumes se modificam.

Assim, os signos e a linguagem determinam e orientam o pensamento, e, possibilitam a formação da própria consciência. Os surdos e suas comunidades, assim como os povos dominados, foram proibidos de utilizar suas línguas, de contarem suas piadas, de dividirem suas idéias.

No lugar dessa língua proibida lhe ofereceram outra, extremamente importante para seu convívio com a sociedade em geral, mas também extremamente difícil de ser aprendida e praticamente impossível de ser adquirida através do diálogo, de forma espontânea.

A educação da criança com surdez não deve acontecer entre quatro paredes é preciso planejar passeios: museus, jardim zoológico, parques, lojas, mercados, etc. Esses momentos são ricos para que as crianças vivenciem, compreendam, e aprendam sobre o mundo ao seu redor. Essas visitas favorecem o aprendizado de novos vocábulos a construção de textos, a formação de hábitos e atitudes a inclusão social.

A escola inclusiva deve ser um lugar tão interessante que alunos ouvintes e com surdez tenham prazer em estarem inseridos nela, e a mesma deve estar atenta para promover atividades sociais que incluam surdos e ouvintes em programações culturais e esportivas que possam beneficiar a todos.

Artes, teatro, poesia, mímica e narração de histórias são grandemente valorizadas como habilidades expressivas importantes. O orgulho das crianças com surdez por sua língua deve ser incentivado pela escola. Isso requer a presença de profissionais surdos no programa, o apoio de professores ouvintes e a construção de uma nova cultura educacional

A educação escolar do aluno com surdez em sala comum do ensino regular é um desafio, uma situação nova e real, que os educadores despreparados e sem recursos pedagógicos, físicos, tecnológicos e financeiros deparam nas escolas.

Pela complexidade em trabalhar com pessoas surdas e das reflexões e análises feitas, percebi que o atendimento educacional a crianças

34

com surdez é um grande desafio, que requer significativas mudanças de paradigmas.

7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989. 104p. Coleção polêmicas do nosso tempo.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educacionais especiais**. Brasília: MEC/SEESP, 1994 a. 89p.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2003. Série I-Escola vol. 14, 120p.

DAMÁZIO, Milene Ferreira Macedo, et. All: **Deficiência auditiva: In: Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com surdez**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007, 52P.

LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem: as últimas conferencias de Luria**. Porto Alegre: Arte e científicos/EDUSP, 1986.

EDUCAÇÃO infantil: **saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez** 4 ed. Elaboração prof^a Daisy Maria Collet de Araújo Lima. Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal. (et.all.). Brasília; MEC, 2006. 89p.

FAGUNDES, L. C. **A psicogênese das condutas cognitivas da criança em interação com o computador.** São Paulo: – IP, USP. 1986. Tese (doutorado)

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista.** São Paulo: Plexus Editora, 2001. 167p.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro: WVA, 1997 174p.

QUADROS, Ronice Muller de, SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideais para ensinar Português para alunos surdos.** Brasília: MEC, SEESP, 2006. 120P.

SKLIAR, C. (org.) **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998. 120p.

SAMPAIO, Carmen Sanches. **A presença de uma aluna surda em uma turma de ouvintes: possibilidades de (re) pensar a mesmidade e a**

36

diferença no cotidiano escolar. Revista da Educação Especial/ Ministério da Educação, Secretária de educação especial. Vol. 1, n. 1. (out. 2005). Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2005 p. 20-25.

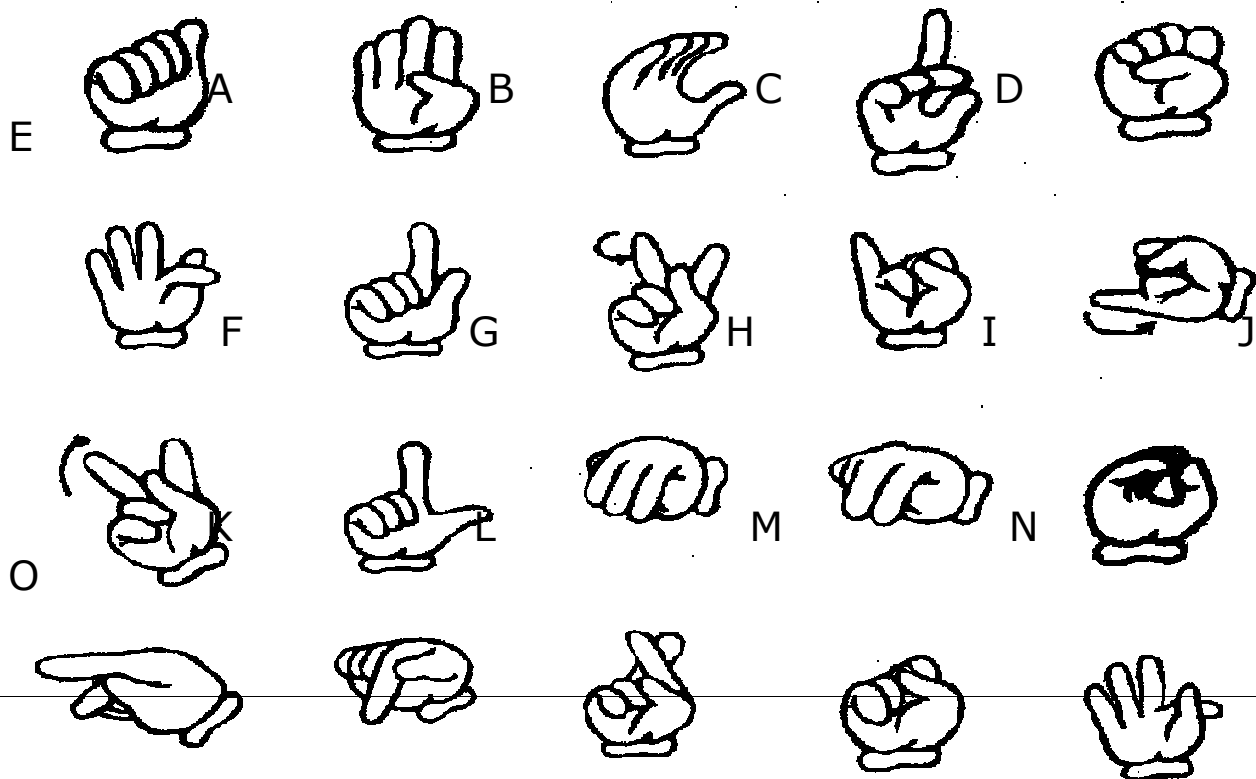
VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

9- ANEXOS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

Aluna: _____ Data: __/__/__

LIBRAS - LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS__ ALFABETO



P

Q

R

S

T

U

V

W

X

Y

Z

NUMERAIS EM LIBRAS:

0



1



2



3



4



5



6



7



8



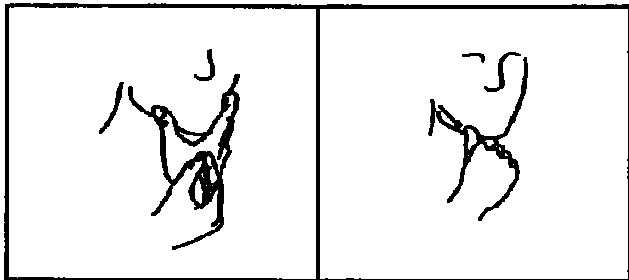
9



AEE-Atendimento Educacional Especializado

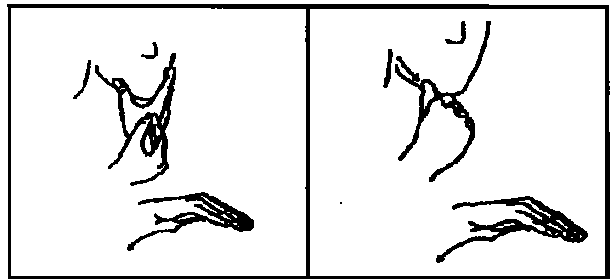
Aluno(a): _____ Ano: _____

LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais)



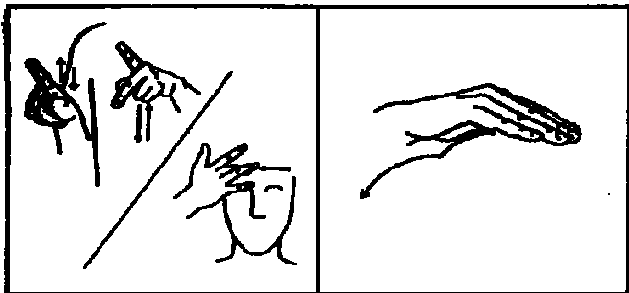
homem

mulher



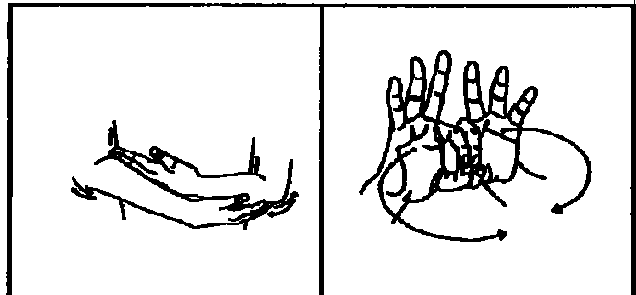
menino

menina



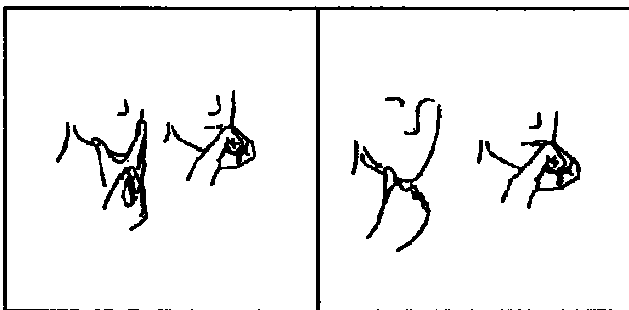
Professor

criança



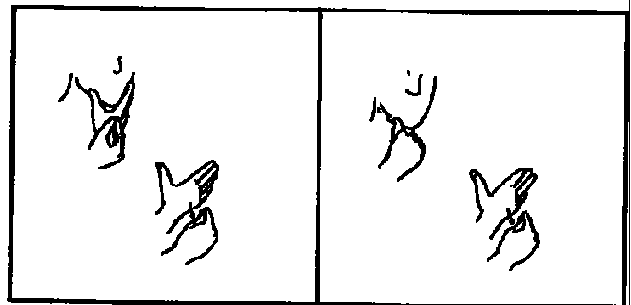
bebê

família



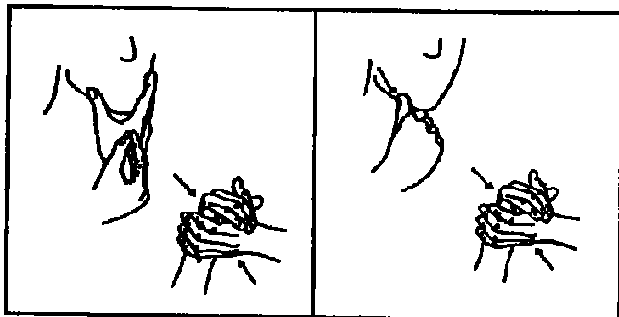
Pai

mãe



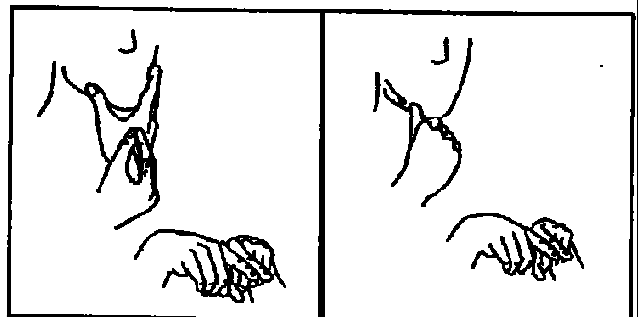
filho

filha



Homem casado

mulher casada



irmão

irmã

